crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

No caminho de Macunaíma

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter é obra de Mário de Andrade de 1928, no apogeu no movimento antropofágico modernista brasileiro. *Macunaíma*, embora fosse considerado por seu autor como sua obra de referência, não teve sucesso crítico imediato. Passaram-se algumas décadas e só depois da morte de Mario de Andrade é que estudos como os de Cavalcanti Proença e de Antonio Candido evidenciaram a importância da obra. Nas décadas de 1960 e 1970, com a ênfase do tropicalismo, o cinema brasileiro recriou o texto, em filme assinado por Joaquim Pedro de Andrade, sendo Macunaíma interpretado por Grande Othelo, uma façanha. Na mesma época, o diretor Antunes Filho realizou uma brilhante montagem do texto, que chegou a circular pelo exterior. Hoje em dia, *Macunaíma* é um clássico, atraindo leitores e artistas de variadas expressões, que buscam recriar o herói sem nenhum caráter, uma espécie de estereótipo da condição brasileira.

A chamada "rapsódia", como Mario de Andrade se referia à obra, graças à mescla de gêneros e temas populares, sem uma forma mais definida, caracterizada pela mistura de elementos, continua fascinando.

É o caso do diretor Igor Pretto que, com a coreógrafa Rita Rosa, recriaram a narrativa em dança. Seis bailarinos, todos negros, incorporam Macunaíma, Ci, o gigante malévolo Piaimã (encarnação do capitalismo urbano), Maanape (que vira um homem amarelo) e Jiguê, que permanece preto, por ter-se apenas molhado levemente, enquanto Macunaíma, agora branco, segue para a grande cidade de São Paulo.

A principal qualidade desta adaptação foi a sensível percepção dos realizadores sobre a mescla entre as tradições indígenas e africanas: afinal, Macunaíma nasce na selva amazônica, mas nasce preto. É assim que Mario de Andrade representa as três raças que formam o Brasil. Piaimã é a condição social da exploração capitalista do País, cuja consciência vai se consolidando ao final da década de 1920 e começos da década de 1930 (daí o romance realista nordestino, por exemplo, ou o ciclo do romance urbano no Rio Grande do Sul).

Com pouco mais de uma hora de duração, o espetáculo é extremamente criativo, com projeção de videografias de Gabriel Pontes, iluminação de Fabi Santos, especialmente criativa e dinâmica, permitindo magicidade e plasticidade às imagens que mesclam os atores e as projeções, numa simbiose muito bem construída.

Pedro Coelho, Abissau-L, Binho Rodrigues, Richard Jones, Luisa Dias Rosa e Kátia Kalinka são os bailarinos intérpretes cuja presença se dilui e reaparece em meio às sombras da cena. O jogo coreográfico, apesar da preparação corporal de Eva Schul é, talvez, o elemento menos bem resolvido de todo o espetáculo, talvez em parte devido à própria coreografia, que poderia ser mais criativa e exigente. Em parte, a preocupação narrativa do espetáculo atrapalhou seu resultado final; ao narrar e recriar o enredo, o espetáculo acabou preso a uma logicidade que não é a característica do texto literário. Se o espetáculo tivesse se desdobrado mais poeticamente, talvez atingisse melhor resultado. Mas, atenção, isso não invalida, em absoluto, a experiência, a dedicação e a inventividade do grupo. Há um cuidado constante em todo o trabalho, e a junção entre as imagens projetadas e os atores em cena está excelentemente bem resolvida, ainda que apresente evidente dificuldade. Financiado pelo edital do Pro Cultura do Rio Grande do Sul e o edital de ocupação de teatros da Prefeitura Municipal, o espetáculo se justifica por si mesmo: na curta temporada, teve apenas um sessão dirigida aos estudantes, mas deveria ter maiores oportunidades para este encontro. Tenho certeza que a gurizada ia gostar muito do trabalho.

Esta montagem não é nem só teatro, nem só dança, nem só espetáculo visual: é de tudo um pouco, e aí está seu interesse

É muito bom se ver o esforço, independente do resultado final, de um grupo de artistas em serem inventivos, criativos e ousados, no sentido de sair do lugar comum e inventarem novos objetos artísticos. Como o texto literário original, este *Macunaíma* não é nem só teatro, nem só dança, nem só espetáculo visual: é de tudo um pouco, e isso é que faz dele um trabalho interessante, que deve ter mais oportunidades para ser levado à cena.

acontece

UNITED ARTISTS/REPRODUÇÃO/JC



Concebido e interpretado por Stallone, Rocky Balboa tornou-se um símbolo do sonho americano

50 anos de *Rocky, um lutador*: uma obra que redefiniu os EUA, Sylvester Stallone e o cinema

Andressa Pufal

Há cinco décadas, um boxeador pobre e desconhecido da Filadélfia enfrentava o campeão mundial e não ganhava. Mas tentou e foi até o fim – e talvez isso seja o mais importante. Em 21 de novembro de 1976 acontecia, em Nova York (EUA), a *première* de *Rocky, Um Lutador*, uma jornada do herói que encapsula como poucas o sonho americano - e que completa 50 anos ao mesmo tempo em que os EUA celebram 250 anos de independência.

O clássico escrito (em três dias e meio!) e estrelado por Sylvester Stallone ajudou a reconstruir uma nação abalada pelo Vietnã e pelo escândalo de Watergate. Da mesma maneira, *Rocky* também reconstruiu um homem. Apesar de baseado na história real do boxeador Chuck Wepner – conhecido por levar à lona o lendário Muhammad Ali, mesmo perdendo a luta no final –, a vida de Rocky Balboa é muito inspirada na trajetória do próprio Stallone. Nos anos 1970, ele era um ator desconhecido, com sérios problemas financeiros. Anos após o sucesso do longa, Stallone lembrou que teve que vender seu cão Butkus por US$ 50,00 porque não conseguia sustentá-lo. O cachorro, que aparece na franquia, foi comprado de volta por US$ 15 mil, depois de Sylvester vender o primeiro roteiro de *Rocky*.

Além das questões financeiras, outra motivação foi sua complicada relação familiar. Em seu livro *The Steps*, lançado em setembro deste ano, o ator conta que parte de sua determinação para fazer o filme foi o desejo de dar orgulho a seus pais, Jackie Stallone e Frank Stallone Sr. "Quando era jovem, sempre quis ser abraçado pelos meus pais. Infelizmente, parecia que eu não conseguia fazer nada para que isso acontecesse", escreveu. "Fazer *Rocky* era a única coisa em que eu conseguia pensar que talvez pudesse fazer esse milagre".

Stallone chegou a recusar propostas milionárias pelo roteiro, por não ter garantias de que ele próprio encarnaria o boxeador.

O longa teve de ser rodado com orçamento de cerca de US$ 1 milhão e o diretor John G. Avildsen teve apenas 28 dias para as filmagens. Uma das cenas inesquecíveis do longa, em que Rocky e Adrian conversam sobre uma pista de gelo num ginásio vazio, foi fruto da necessidade - afinal, não havia dinheiro para pagar a figuração.

Superando ele próprio o orçamento enxuto, o filme foi um sucesso da noite pro dia. Arrecadou mais de US$ 225 milhões e tornou-se a maior bilheteria do ano. *Rocky* transformou Stallone em um astro mundial e recebeu 10 indicações ao Oscar. Levou três: Melhor Edição, Melhor Direção e Melhor Filme, em uma vitória que desbancou títulos como *Taxi Driver*, *Todos os Homens do Presidente* e *Rede de Intrigas*.

O sucesso foi tanto que a história acabou se tornando uma franquia, com cinco sequências estreladas por Stallone, três filmes da série *Creed*, protagonizados por Michael B. Jordan, e, em breve, *Delphi*, série produzida por Jordan, dará continuidade à história do filho do campeão Apollo. Neste 19 de novembro, chega às telonas *Eu Sou o Rocky*, filme que vai contar um pouco mais da história da produção do longa.

Outro ponto alto do filme é a trilha sonora. *Gonna Fly Now*, de Bill Conti - que toca na corrida do boxedor pelas ruas da Filadélfia - virou hino de superação no imaginário popular. Ao fim do longa, outro clássico, *Going the Distance*, embala a derrota do Garanhão Italiano para o campeão Apollo Creed. Com o rosto ensanguentado, Rocky não parece muito interessado no cinturão, mas em gritar por Adrian. Enquanto o público esperava um campeão, o boxeador mostra que vencer às vezes significa não desistir e encontrar alguém para lutar junto as batalhas diárias da vida.

viver.

Editor-chefe: Guilherme Kolling
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Editor de Cultura: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Publicação do Jornal do Comércio de Porto Alegre
Av. Ipiranga, 6681 - Tecnopuc - Prédio 99 - 4º andar | Fone: 3213-1300